

O LEITE TROPICAL E AS OPORTUNIDADES PARA O BRASIL

DUARTE VILELA

A região tropical do mundo responde por aproximadamente 22% da produção de leite de vaca e, segundo a FAO-Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, responderá por 40% do aumento da demanda até 2030.

A maioria dos países tropicais é deficitária em produção de leite, podendo-se considerar praticamente todos os países africanos, a maioria dos latino-americanos e grande parte da China. Somente Ásia e África somam um déficit superior a 19% em relação ao que consomem.

Considerando que estamos vivendo em um mundo em transição, três forças se destacam. A primeira é a urbanização acelerada, com 60% da população mundial se concentrando em zonas urbanas. Tal tendência será um dos maiores fatores de competitividade da atividade leiteira devido à retenção, atração e disponibilidade de mão de obra.

A segunda força é representada pelos eventos climáticos extremos, com a dependência energética por recursos renováveis e recicláveis. Completando, está o desenvolvimento científico em que a consolidação do sistema de inovação tecnológica constituirá uma importante vantagem competitiva para produção de leite nas economias emergentes. Como consequência, entraremos em um novo ciclo de globalização, agora mais dinâmico e com menos chance para erros e incertezas, não havendo espaço para a ineficiência como nos dias atuais.

A região Ásia-Pacífico caminha para concentrar 60% da classe média mundial, que, impulsionada por maior urbanização, maior incentivo de governo, maior renda *per capita*, demandará maior segurança alimentar e conseqüentemente maior necessidade de proteína animal.

Este aumento na demanda em uma região onde há relativamente baixa disponibilidade de áreas cultiváveis poderá levar a um complexo sistema de comércio lateral, ampliando a dependência de outras regiões, o que poderá ser uma grande oportunidade para a América Latina, notadamente o Brasil e a Colômbia.

Assim, algo vai e deve mudar. O que se precisa é revisar a estratégia e saber quem começa. Segundo Klaus Schwab, fundador e presidente do Fórum Econômico Mundial, neste novo mundo

As propriedades que produzirão leite no futuro não serão as maiores nem as menores. Serão as mais competitivas

não é o peixe grande que come o pequeno, mas o mais rápido que come o mais lento. E estratégico definir o modelo de negócio e os fatores que o fazem competitivo, e muitas vezes sustentar um negócio implica em estar disposto a mudar e aprender coisas novas e, em outro momento, desaprender velhos hábitos.

O recente acordo de comércio regional, o Trans-Pacific Partnership Countries-TPP, que representará 22,9% das exportações mundiais, envolverá 40% do PIB mundial, 793 milhões de consumidores e até 2025, um comércio de US\$ 223 bilhões por ano, é um exemplo claro da nova onda de globalização.

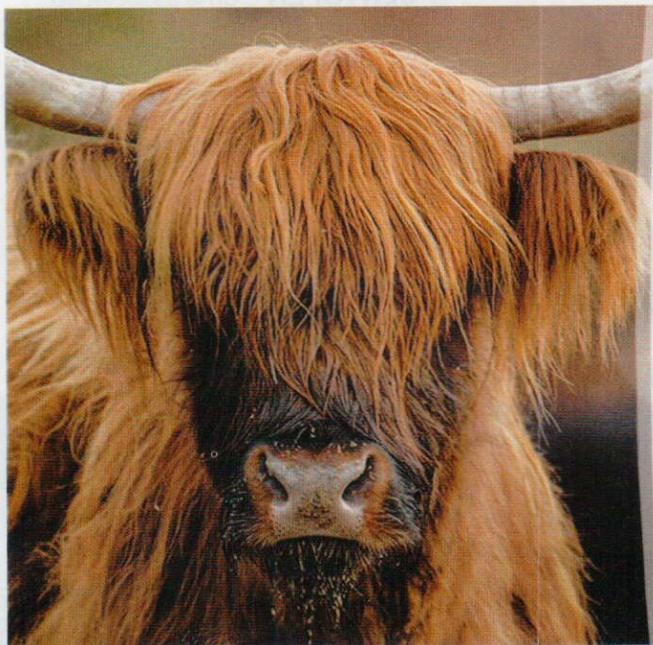
As Américas, os Estados Unidos, Canadá, México, Peru e Chile já estão a caminho da Ásia-Pacífico. E o Brasil, por onde anda? Quando o assunto é lácteos, ainda patinamos nos acordos laterais, haja vista no Mercosul, onde os políticos mais se preocupam em criar barreiras e se defender do que atuar como bloco econômico.

Outro gigante asiático que desponta e mostra o caminho, tornando-se a maior surpresa entre os grandes países emergentes do mundo, é a Índia. Certamente este país irá se tornar o próximo acontecimento global por características únicas: 1,2 bilhão de pessoas, das quais 50% são jovens; elevada urbanização e com aumento da renda *per capita*, ao crescer a uma taxa de 7,5% a.a. A demanda por leite poderá aumentar 29%, 150 milhões de t a mais, de acordo com a Associação Indiana de Produtos Lácteos.

Tudo isso proporcionará grandes oportunidades para a América Latina, principalmente por falta de recursos naturais, terra e água no mundo. Em mercados cada vez mais abertos e globalizados, a competitividade aumentará com base nos custos de produção, e as propriedades que continuarão a produzir leite no futuro não serão as maiores nem as menores, porém as mais competitivas. A pergunta que fica é: será que agora o Brasil acorda ou vai insistir em comer os grandes?



Duarte Vilela é pesquisador da Embrapa Gado de Leite, de Juiz de Fora-MG; e-mail: duarte.vilela@embrapa.br.



COM DIFICULDADES PARA ENXERGAR O MERCADO?

A **Scot Consultoria** te mostra o melhor caminho.

Somos uma empresa dedicada à competitividade no mercado brasileiro. Estamos sempre trabalhando na coleta e na análise de informações de mercado, com o objetivo de levar informações atuais e confiáveis a todos os elos da cadeia produtiva do agronegócio.



"As melhores e mais fiéis informações de mercado"

Acesse scotconsultoria.com.br ou ligue 17 3343 5111 e conheça mais sobre nossos produtos e serviços.

LEITE ORGÂNICO PELO PRODUTOR RICARDO SCHIAVINATTO

BALDE BRANCO

Ano 51 – número 615 – janeiro 2016 – R\$ 10,50 – www.baldebranco.com.br

2016

CUSTOS, GESTÃO, COTAÇÃO E MERCADO

O que os produtores de leite precisam saber
para driblar a crise e assegurar lucratividade

Febre aftosa:
Brasil quer por
fim à vacinação

Como tratar
sucessão e herança
na família rural

A qualidade do
leite e a avaliação
nutricional das vacas